

Narciso e o espelho das águas: a poética na formação da subjetividade ética em Bachelard

Narcissus and the mirror of the waters: poetics in the formation of ethical subjectivity in Bachelard

DOI:10.18226/21784612.v29.e024017

Evaldo Antonio Kuiava¹
William Gustavo Machado²

Resumo: O presente estudo estabelece um diálogo entre a filosofia da imaginação de Gaston Bachelard, a mitologia de Narciso e a literatura clássica através do conto “*O Patinho Feio*”, visando investigar a formação e o desenvolvimento da subjetividade humana. A pesquisa explora como a imaginação material das águas, um elemento central na filosofia de Bachelard, influencia a constituição do eu e a formação da autoestima. Ao analisar o mito de Narciso e o conto “*O Patinho Feio*”, o estudo revela que a água, com sua profundidade e dinamismo, atua como um símbolo poderoso de autodescoberta e transformação identitária. Bachelard sugere que a imaginação, antes de ser formal, é material e dinâmica, sendo a água crucial na construção de imagens e símbolos que refletem a dualidade da experiência humana. Narciso representa o narcisismo primário essencial para a autoafirmação e desenvolvimento psíquico, enquanto o Patinho Feio, ao ver seu reflexo nas águas, passa por uma transformação identitária crucial, descobrindo sua verdadeira natureza. A imaginação material das águas não apenas reflete a realidade, mas a molda ativamente, proporcionando um espaço de diálogo entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem destaca a importância da fantasia e do devaneio na formação do sujeito, promovendo um narcisismo saudável e estruturante. Ao valorizar o narcisismo como uma necessidade psíquica primordial, o estudo defende que a autoaceitação e o amor-próprio são fundamentais para a construção de uma identidade autônoma, sólida e resiliente, sugerindo que esse processo é essencial para o desenvolvimento de uma ética baseada no amor-próprio e na alteridade. A imaginação poética das águas oferece uma perspectiva rica e dinâmica do psiquismo, sugerindo que futuros estudos possam explorar ainda mais as implicações

¹ Doutor em Filosofia. Professor e pesquisador na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: eakuiava@ucs.br.

² Educador social, músico e professor de música. Mestre em Educação e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: wgmachado@ucs.br.

dessa imaginação material na formação humana e na reformulação do conceito de *Bildung*.

Palavras-chave: Imaginário; Bachelard; Formação; Narcisismo; Autoestima.

Abstract: This study establishes a dialogue between Gaston Bachelard's philosophy of imagination, the mythology of Narcissus, and classical literature through the tale "The Ugly Duckling," aiming to investigate the formation and development of human subjectivity. The research explores how the material imagination of water, a central element in Bachelard's philosophy, influences the constitution of the self and the formation of self-esteem. By analyzing the myth of Narcissus and the tale "The Ugly Duckling," the study reveals that water, with its depth and dynamism, acts as a powerful symbol of self-discovery and identity transformation. Bachelard suggests that imagination, before being formal, is material and dynamic, with water being crucial in constructing images and symbols that reflect the duality of human experience. Narcissus represents the primary narcissism essential for self-affirmation and psychic development, while the Ugly Duckling, upon seeing its reflection in the waters, undergoes a crucial identity transformation, discovering its true nature. The material imagination of water not only reflects reality but actively shapes it, providing a space for dialogue between the subject and the world. This approach highlights the importance of fantasy and daydreaming in the formation of the subject, promoting a healthy and structuring narcissism. By valuing narcissism as a primordial psychic necessity, the study argues that self-acceptance and self-love are fundamental to constructing an autonomous, solid, and resilient identity, suggesting that this process is essential for developing an ethics based on self-love and otherness. The poetic imagination of water offers a rich and dynamic perspective on the psyche, suggesting that future studies could further explore the implications of this material imagination in human formation and the redefinition of the concept of *Bildung*.

Keywords: Imagination; Bachelard; Formation; Narcissism; Self-Esteem.

Introdução

A filosofia poética de Gaston Bachelard investiga a imaginação em suas criações e as suas relações com as formações psíquicas do ser humano. O filósofo é contemporâneo das diretrizes pelas quais a filosofia operou no século XX, sendo assim, dedica-se à formulação de novos olhares cujo princípio é a *invenção humana do mundo*, desvinculando-se principalmente do projeto humanista moderno, que teve como germe ainda a filosofia platônico-aristotélica em que

se preconizava um tipo de *desvelamento* de um mundo real, o qual contém então as suas verdades absolutas.

Para Bachelard, a imaginação e a linguagem são os meios pelos quais a humanidade cria a sua realidade. Ou ainda, são a própria realidade humana. Não há um mundo humano sem a linguagem, e, também, não há humanidade sem o imaginário. Assim como criamos o que chamamos de real, o irreal é nossa criação e nele podemos ser sem responsabilidade alguma.

Em sua obra *A poética do devaneio*, Bachelard apresenta-nos uma reflexão profunda sobre a relação entre o ser humano e o mundo real. Segundo ele, ao confrontarmos o mundo real, despertamos em nós mesmos um sentimento de inquietação. Esse estado de inquietude surge porque nos percebemos jogados em um mundo que muitas vezes se mostra inóspito e inumano. O mundo, em sua negatividade, pode ser visto como o “nada do humano”, um lugar em que as características humanizadoras parecem ausentes.

Nesse contexto, Bachelard argumenta que as exigências da realidade forcem nossa adaptação a ela. Para sobreviver e prosperar, somos compelidos a constituir-nos como uma realidade tangível, criando obras e construções que fazem parte deste mundo real. É um processo de fabricação contínua da realidade, no qual nos tornamos produtores e produtos dela.

No entanto, Bachelard destaca a importância do devaneio. Ele sugere que, em sua essência, o devaneio liberta-nos da tirania da função do real. Quando permitimo-nos sonhar, ficamos engajados em uma função do irreal, que é tão normal e útil quanto a adaptação à realidade. Esse ato de sonhar é uma forma de proteger nosso psiquismo das brutalidades do mundo exterior, um mecanismo de defesa contra um “não-eu” que é hostil e estranho. O devaneio serve como um refúgio, uma forma de preservar a saúde mental e emocional diante das pressões e adversidades do mundo real. Ele oferece uma fuga temporária e necessária das demandas incessantes da realidade, permitindo que nosso espírito recupere-se e fortaleça-se. Em suma, Bachelard convida-nos a reconhecer e valorizar essa função do irreal, que nos oferece um equilíbrio essencial frente à inumanidade do mundo real.

O mundo humano aqui é imaginado por um humano imaginante, criador de sua realidade, a qual é formada na/pela intersubjetividade do imaginário. Na análise de Araújo e Teixeira (2009), este porta, então, todo um “museu de imagens”. Esse processo de formação como um “museu de imagens” é uma coleção vasta e diversa de representações que moldam as mentes dos membros de uma cultura. Trata-se da ideia de que o universo humano é concebido por seres humanos que imaginam e criam sua própria realidade. Essa realidade não é formada de maneira isolada, mas a partir da intersubjetividade do imaginário, na qual as percepções e criações individuais entrelaçam-se e influenciam-se mutuamente. Essas imagens exercem uma pressão constante sobre os indivíduos, levando-os a aderir a certas forças e normas sociais por meio da psicossocialidade dos ambientes em que vivem.

Essa influência pode se manifestar de duas formas principais: pela “pedagogia da imitação” ou pelas “fantasias adversas da revolta”, como aponta Durand (2012)³. A pedagogia da imitação refere-se ao processo pelo qual as pessoas aprendem e internalizam comportamentos e valores ao observar e imitar os outros. É um mecanismo poderoso de socialização e conformidade cultural.

As “fantasias adversas da revolta” representam a reação contrária, em que os indivíduos criam e se apegam a fantasias que desafiam e contestam as normas estabelecidas. Elas podem levar a atos de resistência e rebeldia contra as forças opressoras ou limitadoras da cultura dominante. Assim, existe dualidade nas influências culturais e na forma como o imaginário coletivo e individual molda a realidade humana. Esse processo dinâmico de criação e adesão cultural é central para entender como os indivíduos se posicionam e agem dentro de suas sociedades. Nesse contexto, são consideradas tanto as necessidades biopsíquicas quanto as

³ Durand nomeia toda uma convergência simbólica que se caracteriza pelo movimento de antíteses diante da morte e do tempo, como o *Regime Diurno da Imagem*, de estrutura esquizomorfa (*esquízo*, dividido; *morfo*, forma): “Minkowski traça um quadro completo dessas antíteses esquizomorfas, nas quais o pensamento se opõe ao sentimento, a análise à penetração intuitiva, as provas à impres são, a base ao cimo, o cérebro ao instinto, o plano à vida, o objeto ao acontecimento e, enfim, o espaço ao tempo, uma vez que essas antíteses conceituais não são mais que o prolongamento das antíteses imaginativas que, no princípio desta obra, assinala os em alguns grandes poetas. E, por fim, todas se resumem na antítese constitutiva das duas primeiras partes deste primeiro livro: é a antítese do tempo, das suas múltiplas faces, e do Regime Diurno da representação, carregado das suas figurações verticalizantes e do seu semantismo diarético, ilustrado pelos grandes arquétipos do Cetro e do Gládio” (Durand, 2012, p. 189).

pressões exercidas pelo mundo real. Durand (2012, p. 41) descreve esse fenômeno como o trajeto antropológico, uma constante troca, que ocorre no nível do imaginário, entre as forças subjetivas e assimiladoras e as influências objetivas provenientes do ambiente cósmico e social.

Essa perspectiva nos permite transcender o arcabouço teórico da razão logocêntrica e esquizomorfa. Dentro dessa visão, todas as produções humanas encontram seu lugar. Isso inclui fantasias, mitos, ritos, religiões e imaginações em geral, que podem ser estudadas mais profundamente e compreendidas como portadoras de “verdades humanas”. Essas produções são manifestações do imaginário humano em suas diversas formas e expressões. E, como tais, produzem forças que movimentam o devir existencial da humanidade. Os mitos, por exemplo, a partir das novas noções antropológicas, terão novos estatutos epistemológicos, com novas hermenêuticas, não sendo mais alvos de reduções, mas possuirão abordagens *instauradoras*⁴, com a intenção de *amplificações simbólicas*. Isto é, estudos de mitos passarão a ser realizados não para serem esgotados, explicados, mas como *instauradores de sentido*, como constituintes de mundos, de visões de mundo, sendo o fundo organizador arquetípico, das forças das ambiências, das ideologias.

O presente estudo, fundamentado nos estudos do imaginário, realiza uma aproximação do Mito de Narciso, a partir da análise de Bachelard em sua obra *L'eau et les rêves* (1942), e sua manifestação no conto “O Patinho Feio”. O foco está na constituição do eu, do sujeito. A intenção é, então, filosofar – termo entendido aqui como Bachelard nos ensina: um movimento entre as imagens e os conceitos, entre a poesia e a ciência –, utilizando as imagens aquáticas presentes no mito e no conto para levantar reflexões acerca da formação (*Bildung*) do sujeito.

Apresentamos, em seguida, a imaginação *material* das águas, demonstrando a diferença ontológica com que Bachelard trata da imagem. Ele não a considera uma mera reprodutora do real, tampouco uma ilusão ou falsificação do real. Para Bachelard, a imagem é a manifestação do próprio sujeito. Nesse sentido, de

⁴ “As hermenêuticas instauradoras seriam aquelas que têm uma ênfase, ou direção, inversa: elas pegam esse determinado texto, isto é, um conjunto de símbolos, e veem isso não como um ponto final, ponto de chegada, mas como um ponto de partida” (Rego, 2009, p. 46).

acordo com Araújo (2010), “somos nossas imagens”. Por suas propriedades descompromissadas com as bandeiras ideológicas e além das formatações discursivas, consonantes com a própria vida psíquica humana, “porque a imagem tal como a vida não se aprende: manifesta-se” (Durand, 2012, p. 411), a hermenêutica simbólica aqui empregada coloca-nos em contato com as profundezas humanas.

Na sequência, argumentamos a favor de uma estruturação narcísica, pelo encantamento material da imaginação hídrica. Narciso é uma ode à hidrofilia e, assim, ao mundo transcendental que a mitologia das águas sugere-nos. Esta não é uma ideia inédita nos campos da filosofia e da psicologia. Realizamos, portanto, um exercício filosófico com a intenção de abrimo-nos às mitologias que envolvem Narciso e as águas. “O Patinho Feio” é a escolha para esta análise, e a justificativa para tal escolha será exposta ao longo do estudo. Ao valorizar o narcisismo como uma necessidade psíquica primordial, o estudo defende a tese de que a autoaceitação e o amor-próprio são fundamentais para a construção de uma identidade autônoma, sólida e resiliente, sugerindo que esse processo é essencial para o desenvolvimento de uma ética baseada no amor-próprio e na alteridade.

A imaginação material das águas

Bachelard alerta-nos para uma diferença ontológica crucial no que diz respeito à imaginação: esta, antes de ser formal e assumir a representação das formas, é material. É a matéria que está no princípio germinador das imagens. A imaginação, segundo Bachelard, não apenas precede a forma ontológica da representação, mas é dinâmica, movimento e força. As imagens nascem a partir das matérias e das forças que as compõem. Esse movimento da imaginação fomenta o diálogo entre o sujeito e o mundo, entre as intimações do psiquismo e os obstáculos da realidade. Ela atua na construção das imagens primordiais e arcaicas que habitam o fundo do imaginário.

A imaginação material das águas é um exemplo central na obra de Bachelard. As águas, com suas propriedades fluidas e mutáveis, representam uma força dinâmica que dá origem a uma vasta gama de imagens e simbolismos. Para Bachelard, a água é um elemento

que evoca tanto a serenidade quanto a turbulência, refletindo a dualidade presente na experiência humana. Ela é, ao mesmo tempo, um espelho que revela o íntimo do sujeito e uma corrente que o leva ao desconhecido.

Bachelard explora como a imaginação material das águas influencia a construção do eu e do mundo, evidenciando que as imagens aquáticas são mediadoras entre o interno e o externo. A água, com sua capacidade de refletir e transformar, torna-se um símbolo poderoso na constituição do imaginário humano. Essa abordagem permite compreender como as imagens formadas a partir da matéria, especialmente as imagens das águas, moldam nossas percepções e interações com a realidade.

A investigação das imagens aquáticas vai além da simples representação estética; ela revela aspectos profundos da psique humana e suas conexões com o mundo material. O estudo das imagens das águas é, portanto, essencial para entender a relação dinâmica entre o sujeito e seu ambiente, e como essa relação se manifesta nas produções culturais e simbólicas. As imagens construídas por uma imaginação material e dinâmica são centrais nos estudos de Bachelard e também fundamentais para nossa própria compreensão da imaginação e da formação do sujeito.

Portanto, cabe-nos brevemente tratar de alguns aspectos da imaginação das águas, uma vez que estas estão no justo movimento que nos interessa nas imagens de Narciso e do Patinho Feio. O amor por si mesmo, encontrado no autorreflexo proporcionado pelo encontro do olhar dos sujeitos com as águas dos rios, é central em ambas as narrativas. A água aqui é o motor material e dinâmico que provoca e seduz a imaginação na criação – que, neste contexto, é deformação – de consideráveis imagens. Segundo Bachelard (1989b, p. 2), a imaginação não é o eco de um passado; é uma faculdade de modificar as imagens percebidas. A imaginação movimenta o sujeito e seu mundo, nutrindo o vital devir psíquico. A água, em sua fluidez e mutabilidade, torna-se um símbolo poderoso que reflete e transforma, mediando a relação entre o interno e o externo.

Marly Bulcão (2003) complementa essa visão ao descrever a imaginação bachelardiana como fundamentalmente criadora e

dinâmica. Ela resulta do embate de forças, de um corpo a corpo com o mundo; é uma imaginação que tem origem na “mão feliz” que aceita a provocação de um mundo resistente. Essa imaginação é um ato de coragem e criatividade, que enfrenta e transforma a realidade. Nas narrativas de Narciso e do Patinho Feio, a imagem das águas serve como um espelho que revela e transforma a identidade dos personagens. Narciso, ao contemplar sua imagem refletida na água, é seduzido pelo autorreflexo, encontrando-se e perdendo-se simultaneamente. Da mesma forma, o Patinho Feio, ao ver seu reflexo nas águas, passa por uma transformação identitária crucial. As águas aqui não são apenas um cenário, mas um agente ativo na construção e reconstrução do eu.

A imaginação das águas é uma constante em muitas culturas, carregando significados profundos e variados. Em diversas tradições, a água simboliza a vida, a purificação, a transformação e o renascimento. Essas imagens são caras ao imaginário cultural porque encapsulam a dualidade da experiência humana: a serenidade e a turbulência, a estabilidade e a mudança. Bachelard ensina-nos que a água, em sua materialidade e dinamismo, é uma fonte inesgotável de imagens que nutrem o imaginário coletivo.

Estudar a imaginação material das águas, conforme Bachelard, permite-nos compreender como as imagens nascem e se transformam, revelando a profunda interação entre o sujeito e o mundo. As imagens aquáticas, em particular, mostram-nos como a imaginação pode ser um meio de diálogo e transformação, refletindo e moldando nossas percepções e experiências. A abordagem bachelardiana, portanto, enriquece nossa compreensão da imaginação e da formação do sujeito, oferecendo uma visão ampla e profunda das dinâmicas psíquicas e culturais que nos constituem.

No nosso estudo, o “mundo resistente” é representado pela água, cuja materialidade oferece diversas sugestões, sendo uma em particular central para nossa análise: a água é o primeiro espelho humano. Diferentemente do espelho de vidro, a água possui profundidade e movimento, superando-o em potência de imaginação. É sob a superfície refletida que se escondem os mistérios que desejamos desvendar e que provocam a imaginação a criar.

Abaixo do reflexo, a água, com sua ancestralidade e primitividade, sugere um inacabamento, uma “beleza inacabada”. Essa característica engendra uma rede de conexões oníricas que alimentam o sujeito sonhador por meio de seu reflexo. Narciso se apaixona por si mesmo, encantado com a vida, o mistério e a própria identidade. Essa autoadoração é uma celebração das inúmeras possibilidades de ser, refletindo uma profunda gratidão pela existência, pelas percepções e pelo corpo.

No conto “*O Patinho Feio*”, o espelho das águas é igualmente transformador, conferindo ao patinho a capacidade de amar a si próprio. Ao ver seu reflexo na água, o patinho, que acreditava ser feio, descobre sua verdadeira identidade como um belo cisne:

Então voou para a água e nadou ao encontro dos cisnes. Eles o viram e agitaram as penas. ‘Podem me matar’, pensou o patinho, abaixando a cabeça. Mas, bem nesse momento, o que ele viu refletido na água do lago? Sim, viu sua própria imagem, que nada tinha a ver com a de um patinho feio: ele era um cisne (Canton, 2014, p. 153).

O reconhecimento do Patinho Feio como um cisne e seu sentimento de pertencimento são alcançados por meio da imaginação material e dinâmica das águas. Bachelard alerta-nos para a capacidade das águas de naturalizar nossa imagem. No caso do Patinho Feio, as águas o reinserem no onirismo da vida, permitindo que ele recupere a esperança e construa sua autoestima.

Esses aspectos levam-nos a refletir sobre a importância estrutural de um narcisismo primário, conectado aos sonhos e à natureza. Sonhar a partir das águas fez nascer no Patinho Feio o seu senso de identidade, permitindo que ele, após várias fugas, finalmente se encontrasse:

Seria triste demais contar a vocês tudo o que o patinho passou durante aquele inverno rigoroso. Ainda bem que, apesar da demora, um dia enfim o sol voltou a brilhar. Era a bela primavera! O patinho aproveitou para erguer as asas, que tinham crescido bastante, e elas o deslocaram num grande impulso. O patinho voou para um grande jardim, onde as macieiras floriam e os lilases perfumavam o ar suspensos em ramos verdes (Canton, 2014, p. 152).

A água, em sua materialidade e dinamismo, não apenas reflete a imagem dos personagens, mas também catalisa profundas

transformações identitárias. Tanto Narciso quanto o Patinho Feio encontram nas águas o espelho que revela e transforma suas essências. Bachelard ensina-nos que a água, em sua profundidade e movimento, é um veículo poderoso para a imaginação, possibilitando um diálogo contínuo entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem convida-nos a reconhecer a importância das imagens aquáticas na formação do eu, destacando sua capacidade de nutrir e transformar nosso imaginário.

A cena do Patinho Feio diante do espelho das águas precede sua renaturalização e diferenciação, permitindo-lhe viver como o grande símbolo do Cisne que ele realmente é. Ao reconhecer sua verdadeira identidade, ele pode finalmente apreciar a felicidade e a beleza que a vida tem a oferecer: “Depois de tudo que passara, o patinho podia agora, finalmente, apreciar a felicidade e a beleza que sorriam para ele” (Canton, 2014, p. 153).

Estudos e comentários sobre a simbologia e a moral da história do Patinho Feio são comuns e amplamente discutidos. No entanto, nosso interesse não reside na continuação desse tema pós-transformação, mas sim no elemento que conecta as duas histórias: a água. A água, com sua profundidade e movimento, serve como um poderoso meio de transformação nas narrativas de Narciso e do Patinho Feio. Em ambas as histórias, a água não é apenas um cenário, mas um agente ativo que provoca mudanças profundas nos personagens. Para Narciso, a água é o espelho que revela sua beleza e desperta sua autoadoração, enquanto para o Patinho Feio, ela é o meio pelo qual ele descobre sua verdadeira identidade como um cisne.

A imaginação poética e a transformação psíquica

A água, em sua essência, é um símbolo de reflexão, transformação e renascimento. Ela possui a capacidade única de refletir a imagem exterior enquanto oculta profundezas misteriosas abaixo da superfície. Essa dualidade torna a água um elemento fundamental na imaginação e no desenvolvimento do eu. Para Bachelard, a água é uma força material e dinâmica que nutre o imaginário, permitindo que o sujeito se reconecte com sua verdadeira natureza.

A abordagem de Bachelard sobre a imaginação material das águas oferece-nos uma compreensão mais profunda das transformações psíquicas. A água, ao servir como espelho e agente de transformação, facilita um processo de autodescoberta e renascimento. Isso é evidente tanto na história de Narciso, que se apaixona por sua própria imagem refletida, quanto no conto do Patinho Feio, que, ao ver seu reflexo, reconhece sua verdadeira identidade.

A água, como elemento conector nas histórias de Narciso e do Patinho Feio, destaca sua importância simbólica na formação do eu. A partir da reflexão e do movimento, a água facilita uma renaturalização e diferenciação do sujeito, permitindo-lhe alcançar uma compreensão mais profunda de sua identidade e potencial. Este estudo, ao explorar a imaginação material das águas, revela como esse elemento natural desempenha um papel crucial na dinâmica psíquica e na construção do imaginário humano, proporcionando um rico campo de investigação filosófica e psicológica. Gaston Bachelard diz-nos (1989a, p. 24, grifos no original):

Percebemos aqui um dos elementos do *sonho natural*, a necessidade que o sonho tem de inserir-se profundamente na natureza. Não se sonha profundamente com objetos. Para sonhar profundamente, cumpre sonhar com *matérias*. Um poeta que começa pelo espelho deve chegar à água da fonte se quiser transmitir sua experiência poética completa. A nosso ver, a experiência poética deve ser posta sob a dependência da experiência onírica.

A criação e deformação poética estão sob o escopo do onirismo, do fantástico. É para a ausência do real que se dirige o devaneio poético. Se considerarmos esse devaneio como um elemento fundamental que alimenta a vida psíquica e funciona como uma proteção da existência, podemos entender que sonhar permite ao sujeito transcender, ir além das pesadas percepções realistas, romper com os obstáculos da lógica e transformar os discursos que o aprisionam em estereótipos paralisantes. A imaginação é a saúde da vida psíquica, é o que mantém o ser no mundo, em seu mundo e no intersubjetivo do imaginário.

Para Bachelard, a poesia está para a imaginação assim como a imaginação está para a natureza. A profundidade, a ancestralidade e a amplitude do reino da natureza colocam a imaginação em um

estado transcendental. O sujeito não se limita ao que já viveu, ao que já viu, à sua experiência pessoal ou ao inconsciente pessoal. A imaginação expande o ser, que deixa de ser estático e se torna sempre mais, continuamente se transformando.

É a partir desse processo imaginativo que o Patinho Feio se “cura” de seu trauma de não pertencimento, de não ser. Sua transformação é refletida no momento em que ele é reconhecido pelos outros cisnes:

Então os cisnes mais velhos curvaram-se e o reverenciaram. Ele ficou envergonhado e escondeu a cabeça dentro da asa. Estava muito feliz, mas de modo algum orgulhoso, pois tinha um bom coração, e as duas coisas não combinavam. Pensava em como fora ofendido, perseguido, e agora era tido como a mais bela das aves!
O sol brilhava quente e gostoso, os lilases curvaram-se em direção a ele. Então suas penas se agitaram, o peçoço elegante se esticou e ele disse:
– Com essa felicidade toda eu nunca sonhei enquanto vivia como patinho feio! (Canton, 2014, p. 155).

A imaginação material das águas, conforme descrita por Bachelard, permite uma profundidade onírica que vai além da mera reflexão superficial. Ao se integrar profundamente com a natureza, o devaneio poético se torna uma ferramenta poderosa para transcender a realidade imediata e transformar a percepção do eu. No caso do Patinho Feio, é essa capacidade de imaginação e reflexão proporcionada pelas águas que facilita sua transformação e reconhecimento como um belo cisne. A imaginação, assim, não apenas sustenta a saúde psíquica, mas também permite uma contínua renovação e expansão do ser.

A imaginação material sugere ao Patinho Feio que ele é mais do que aparenta ser, que possui uma profundidade ininteligível que não pode ser capturada em sua totalidade e que não se adequa à lógica excludente. Durante uma de suas tentativas de encontrar um lugar para si, o patinho recusou-se a permanecer em um ambiente onde não podia flutuar, entre uma pessoa idosa, uma galinha e um gato, e decide seguir seu próprio caminho: “– Acho que vou embora por esse mundo afora... – disse o patinho” (Canton, 2014, p. 148).

As águas conferem aos nossos personagens um sentimentalismo primitivo que sustenta a vontade de viver no mundo, apesar das

adversidades que ele apresenta. Bachelard (1989a, p. 119, grifos no original) afirma que:

Não é o *conhecimento* do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o *sentimento* que constitui o valor fundamental e primeiro. A natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe porque a amamos em geral, sem saber por quê.

O sentimento evocado pela imaginação material das águas desperta nos sujeitos um pancalismo que os torna capazes de amar o mundo. Bachelard afirma: “Então Narciso já não diz: ‘Amo-me tal como sou,’ mas sim: ‘Sou tal como me amo.’ Sou com efervescência porque me amo com fervor” (Bachelard, 1989a, p. 25). O filósofo complementa: “A vida real caminha melhor se lhe dermos suas justas férias de irreabilidade” (Bachelard, 1989a, p. 25).

O amor que brota desse deslumbramento é de uma esfera íntima, secreta, que só pode ser plenamente vivenciada se suficientemente meditada pelo receptor poético. É necessário, então, participar do momento narcísico: “O narcisismo generalizado transforma todos os seres em flores e dá a todas as flores a consciência de sua beleza” (Bachelard, 1989a, p. 27).

A participação nesse processo é o que entrega ao sujeito as profundas verdades da fantasia. O mundo dos sonhos não comporta as friezas realistas; apenas o que é criado com um narcisismo primário, com amor-próprio e conexão com a criação das coisas do mundo, pode sobreviver: “Sou belo porque a natureza é bela, a natureza é bela porque sou belo” (Gasquet *apud* Bachelard, 1989a, p. 27). As imagens evocadas por Bachelard em seu estudo sobre Narciso também refletem a fluidez das águas. O narcisismo, portanto, não é estático, mas móvel, tal como as imagens refletidas nos lagos:

Com que prazer acolheremos [...] uma obra de arte que dê uma ilusão de mobilidade, que nos engane mesmo, se esse erro nos abrir um caminho para um devaneio! [...] Quando simpatizamos com os espetáculos da água, estamos sempre prontos a gozar de sua função narcísica. A obra que sugere essa função é imediatamente compreendida pela imaginação material da água (Bachelard, 1989a, p. 30).

As águas, com sua profundidade e movimento, são mais do que simples reflexos; são agentes ativos na transformação do eu. A partir da imaginação material, personagens como o Patinho Feio e Narciso encontram nas águas um meio de autodescoberta e renascimento. Bachelard mostra-nos que a imaginação, alimentada pela natureza, é essencial para a saúde psíquica e a contínua expansão do ser. As águas não apenas refletem o que somos, mas também convidam-nos a sonhar e a transcender, revelando a profundidade e a beleza intrínseca de nossa existência. A fluidez da imagem é uma força dinamizante do psiquismo humano, e seu mobilismo reflete a filosofia heraclitiana. Segundo Bachelard (1989a, p. 7, grifos no original):

[...] o mobilismo heraclitiano é uma filosofia *concreta*, uma filosofia *total*. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. [...] a morte cotidiana é a morte da água. [...] o sofrimento da água é infinito.

Uma imaginação que participa das imagens poéticas das águas volta-se para essa verdade imaginária do devir heraclitiano. Conforme Durand (2012, p. 96): “A primeira qualidade da água sombria é o seu caráter heraclitiano. A água escura é ‘devir hídrico’. A água que escorre é amargo convite à viagem sem retorno”, isto é, à viagem da existência.

A água formula o psiquismo hidratante do sujeito sonhador. Ela presentifica o sujeito com sua sabedoria ancestral: a vida é também morte, a morte também é vida, e nada é tão imóvel quanto parece. Até os sonhos telúricos dos melancólicos, repletos de sepulcros, enterros, fossas e outras imagens petrificantes, curvam-se ao reino do movimento mortífero. Como a sabedoria popular diz-nos: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Assim, a morte é realmente a maior certeza, conforme também afirma a sabedoria popular. As águas representam ainda a própria maternidade cósmica, o princípio feminino da psicanálise, de onde viemos e para onde desejamos retornar. Durand (2012, p. 230) esclarece-nos:

Para um outro historiador das religiões existiria uma diferença sutil entre a maternidade das águas e a da terra. As águas encontrar-se-iam ‘no princípio e no fim dos acontecimentos cósmicos’, enquanto a terra estaria ‘na origem e no fim de qualquer vida’. As águas seriam, assim, as mães do mundo, enquanto a terra seria a mãe dos seres vivos e dos homens.

Não é por acaso que, em numerosas mitologias, o nascimento é instaurado pelo elemento aquático. Como Durand (2012, p. 226) afirma: “É perto de um rio que nasce Mitra, é num rio que renasce Moisés, é no Jordão que renasce Cristo”. Da mesma forma, em muitas culturas, sepultamentos são realizados nas águas, evidenciando a conexão simbólica entre a água e os ciclos de vida e morte. As águas, portanto, são vistas como o princípio e o fim, tanto na criação quanto na dissolução da vida.

A imaginação material, com sua fluidez e mobilidade, é uma força essencial na dinâmica psíquica, refletindo a filosofia heraclitiana de constante transformação e devir. A água, como símbolo primitivo e universal, permeia o imaginário humano, conectando-nos à sabedoria ancestral e aos ciclos eternos de nascimento e morte. A partir das imagens poéticas das águas, os sujeitos encontram um meio de transcender a lógica excludente e alcançar uma compreensão mais profunda da existência. Assim, a água não apenas reflete nossa imagem, mas convida-nos a uma viagem de autodescoberta e transformação contínua.

As águas seriam o destino de nossas almas, uma espécie de imersão eterna que nos abriga. Toda a consciência se diluiria em uma *solutio* cósmica, processo bem notado pela sensibilidade poética da alquimia. Edinger (1990, p. 67, grifos no original) explica:

A operação de *solutio* é um dos principais procedimentos da alquimia. Diz um texto: ‘A *solutio* é a raiz da alquimia.’ Outro afirma: ‘Não faças nenhuma operação enquanto não transformares tudo em água.’ [...] Em termos essenciais, a *solutio* transforma um sólido num líquido. O sólido parece desaparecer no solvente, como se tivesse sido engolido. Para o alquimista, a *solutio* significava com frequência o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original – isto é, a *prima materia*. Considerava-se a água como o útero e a *solutio* como um retorno ao útero para fins de renascimento.

Esse retorno às águas maternas, por meio do processo de *solutio*, pode ser visto tanto na perspectiva macro quanto microexistencial. As narrações cosmogônicas versam sobre leis da vontade e forças que podem ser analisadas em seus aspectos psicológicos. A alquimia, assim como a poesia e os mitos, comporta metáforas do desenvolvimento psíquico. A *solutio*, fora do contexto alquímico, pode ser vista tanto em “pequenos” processos da vida quanto na vida como um todo, na vida como uma *solutio* contínua.

Quando assumimos a dimensão onírica como parte integrativa da constituição psíquica do ser humano, podemos buscar relações convergentes entre os grandes mitos que narram as origens do universo e a constituição da própria psique de um indivíduo. A separação que o Patinho Feio realiza pode ser vista como nos grandes mitos cosmogônicos, enquanto *separatio*:

Um importante aspecto da psicoterapia é o processo de *separatio*, cujo componente mais relevante é a separação entre sujeito e objeto. O ego imaturo é notório pelo seu estado de *participation mystique* tanto com o mundo interior como com o mundo exterior. Um ego nessa condição deve passar por um prolongado processo de diferenciação entre sujeito e objeto. À medida que isso ocorre, a desidentificação com outros pares de opostos também ocorre (Edinger, 2006, p. 203, grifos no original).

A separação entre sujeito e objeto é um processo fundamental no desenvolvimento da identidade e da autonomia psíquica. No conto “*O Patinho Feio*”, essa separação é simbolizada pela jornada do patinho em busca de seu lugar no mundo. Inicialmente confundido e rejeitado pelos que o rodeiam, o patinho teve que se separar do ambiente hostil e das identificações errôneas para encontrar sua verdadeira natureza. Esse processo de *separatio* é análogo aos ritos de passagem presentes em muitas mitologias, nas quais o herói desliga-se de seu contexto inicial para enfrentar desafios e, finalmente, alcançar uma transformação essencial. A psicoterapia, ao facilitar essa separação, ajuda o indivíduo a distinguir entre suas próprias necessidades e desejos e as expectativas e pressões externas, promovendo um autoconhecimento mais profundo e uma integração saudável da psique.

Além disso, a jornada do Patinho Feio reflete a necessidade de um renascimento simbólico, que se manifesta a partir do

encontro com o próprio reflexo nas águas. Esse momento de autorreconhecimento é crucial, pois representa a conclusão do processo de *separatio* e a transição para uma nova identidade. A água, como símbolo de purificação e transformação, permite que o Patinho veja além das superfícies e alcance uma compreensão mais profunda de si mesmo. Esse renascimento é um retorno à *prima materia* alquímica, em que o ego imaturo se dissolve e renasce em uma forma mais integrada e consciente. Assim, a narrativa do Patinho Feio não apenas ilustra a separação necessária para o desenvolvimento psíquico, mas a reintegração do eu em um estado mais elevado de consciência e equilíbrio, alinhando-se com os processos míticos e psicológicos descritos por Edinger e outros teóricos do imaginário.

Como Bachelard alerta-nos, a profundidade do devaneio solitário alcança o estatuto de devaneio cósmico, um encontro com uma força primitiva e arcaica que traduz uma vontade universal:

Quando um sonhador de devaneios afastou todas as ‘preocupações’ que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente *autor da sua solidão*, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele (Bachelard, 2009, p. 165, grifos no original).

O devaneio solitário, segundo Bachelard, não é meramente uma fuga temporária das pressões da vida cotidiana, mas um profundo reencontro com a essência cósmica do ser. Nesse estado de devaneio, o sonhador se desliga das preocupações externas e das inquietações alheias, permitindo que uma força interior, arcaica e universal, manifeste-se. Esse processo é essencial para a reconexão do indivíduo com a sua própria essência, revelando uma dimensão do ser que transcende a individualidade e se alinha a uma vontade cósmica. Ao contemplar o universo sem pressa, o sonhador acessa uma profundidade interior que reflete a vastidão do cosmos, um espaço onde o tempo perde seu significado linear e se torna um momento eterno de introspecção e descoberta.

Esse estado de devaneio cósmico proporciona uma experiência de totalidade e união com o universo. Quando o sonhador se permite essa contemplação profunda, ele não apenas se encontra consigo mesmo, mas também com o mundo ao seu redor. É nesse

encontro que se abre uma nova percepção, na qual a realidade e o imaginário se fundem, criando uma experiência holística de ser e existir. O devaneio solitário, portanto, não é uma atividade passiva, é um ato criativo e transformador que reconstrói a percepção do mundo e do próprio ser. Essa experiência de devaneio cósmico enriquece o mundo interno do sonhador e permite que ele veja o mundo externo com novos olhos, reconhecendo nele as mesmas profundezas que encontrou dentro de si. O sonho real de um sujeito é o sonho de um mundo inteiro:

De repente ele se faz *sonhador do mundo*. Abre-se para o mundo e o mundo se abre para ele. Nunca teremos visto bem o mundo se não tivermos sonhado aquilo que víamos. Num devaneio de solidão, que aumenta a solidão do sonhador, duas profundezas se conjugam, repercutem-se em ecos que vão da profundidade do ser do mundo a uma profundidade do ser do sonhador. O tempo já não tem ontem nem amanhã. O tempo é submerso na dupla profundidade do sonhador e do mundo (Bachelard, 2009, p. 166, grifos no original).

Nesse encontro entre o sonhador e o mundo, há uma transcendência que transforma a percepção de ambos. A solidão do devaneio não é uma solidão isoladora, mas uma que amplifica a conexão entre o indivíduo e o universo, entre a interioridade do ser e a vastidão do cosmos. Essa experiência onírica oportuniza que o sonhador perceba a realidade de uma maneira nova e profunda, na qual as barreiras entre o eu e o outro, entre o subjetivo e o objetivo, dissolvem-se. O tempo deixa de ser uma linha reta e se torna um presente contínuo, um agora eterno em que todas as possibilidades coexistem. Essa imersão no devaneio cósmico enriquece a psique, fortalecendo a capacidade de ver o mundo com uma sensibilidade renovada e uma compreensão mais ampla das conexões que sustentam a existência. Assim, o sonhador, ao emergir dessa experiência, traz consigo uma visão transformada que o engrandece pessoalmente e possibilita que ele contribua para a construção de um mundo mais imaginativo e interconectado.

O elemento água, refletindo o rosto do sonhador, desperta uma curiosidade ocular e uma vontade de ver mais, de ver melhor. O sonhador das águas de Narciso se encanta com o mundo encantado dos desejos. E a vontade, aqui contemplativa, relaciona-se com esse amor primitivo e narcísico que chama o sujeito a olhar para si

mesmo, amando enxergar, amando o mundo, porque ele mesmo é uma expressão de uma vontade cósmica. Bachelard (1989a, p. 30) lembra-nos:

A filosofia de Schopenhauer mostrou que a contemplação estética apazigua por um instante a infelicidade do homem ao desprendê-lo do drama da vontade. Essa separação entre a contemplação e a vontade anula uma característica que gostaríamos de sublinhar: a vontade de contemplar. Também a contemplação determina uma vontade. O homem quer ver. Ver é uma necessidade direta.

A água, como elemento refletor, não apenas oferece uma visão externa, mas também um mergulho interno. Esse processo reflexivo desperta no indivíduo um desejo de autoconhecimento e autoaceitação. O reflexo nas águas, mais que uma imagem física, é uma porta para a introspecção, permitindo que o sonhador descubra camadas profundas de seu ser. Esse encontro com o reflexo evoca uma ligação íntima com a natureza e com a essência primordial da vida. O ato de contemplar o próprio reflexo na água simboliza um retorno às origens, um renascimento contínuo que nutre a psique e fortalece a identidade.

Ser vontade é se entusiasmar, isto é, encher-se de deuses (do grego *enthousiasmós*: estar possuído por Deus). E os deuses, para o imaginário, são a fonte das energias ou as próprias energias psíquicas.

Jung descobriu o poder de influência das imagens primordiais sobre a consciência, tornando-se para ele irrefutável a autoridade determinante dessas imagens para a vida psicológica. Presos em torno e dentro de vozes e imagens interiores e pessoais, Jung descobriu os 'deuses'. *Essas forças e energias* impessoais de dimensão colossal e qualidades primitivas (Stein, 2020, p. 46, grifo nosso).

O entusiasmo que surge dessa conexão com as imagens arquetípicas e a contemplação da natureza se traduz em uma energia vital que alimenta a psique. Quando o indivíduo se deixa levar por essa vontade de contemplar, ele se abre para uma experiência estética que transcende o cotidiano, encontrando beleza e significado em sua própria existência. Essa ligação com as imagens primordiais e com a natureza a partir da água apazigua a infelicidade e oferece um sentido de propósito e pertença. Ao contemplar seu reflexo na

água, o sonhador não apenas se vê, mas sente-se parte de um todo maior, conectado às energias cósmicas que sustentam a vida.

Portanto, no início da jornada de uma existência, um entusiasmo hidratante dota a alma de um sentimento de pertença, consideravelmente estruturante para o desenvolvimento psíquico. Esse sentimento de pertença é fundamental para a construção de uma identidade sólida e resiliente, capaz de enfrentar os desafios da vida com confiança e otimismo. A água, como símbolo de transformação e renovação, oferece ao sonhador a oportunidade de se redescobrir e se reinventar continuamente, promovendo um desenvolvimento psíquico saudável e integrado.

O narcisismo estruturante da psique

O que defendemos aqui, de certa forma, não é exatamente novo. Nietzsche já valorizava certo egoísmo, e Freud falava de uma necessidade egoísta primordial, assim como outros teóricos, filósofos e psicólogos do desenvolvimento. Freud (1914, p. 2) afirma: “En este sentido, el narcisismo no sería ya una perversión sino el complemento libidinoso del egoísmo del instinto de conservación; egoísmo que atribuimos justificadamente, en cierta medida a todo ser vivo”.

O que queremos demonstrar trata da presença material das águas na fundação de tal processo psíquico. Há uma imaginação hídrica na jornada narcísica, presente também no conto “*O Patinho Feio*”. Seguindo o viés bachelardiano da pesquisa, essa presença comporta a justa ambivalência de Narciso. As faces dos extremos da imagem não são aqui excludentes, mas complementares. Para que ocorra um narcisismo saudável, não se deve aniquilar a face considerada culturalmente patológica, mas, pelo contrário, é necessária uma imersão no ato imaginativo. Não é amando menos a si mesmo que amaremos mais os outros; é amando a si mesmo que se ama o mundo. Como afirma Bachelard (1989a, p. 28): “o ser que confia em sua beleza tem uma tendência ao pancalismo”.

A defesa de um narcisismo primário chama para o debate a confiança nas fantasias do mundo. O ser encantado é o ser amado. O desencantamento, a desmitificação, tal como o materialismo utilitário dos modernos, como nos prova a filosofia nietzschiana, é apenas outra face mitológica, fantástica. É a entrada da metafísica

pela “porta dos fundos” (Nietzsche, 2006, p. 61). Se “Deus está morto”, como nos diz Nietzsche (2012, p. 21), não é porque fomos capazes de alcançar o real pela razão, mas sim porque o fundamento metafísico, a priori, está morto. Não devemos caminhar em direção a um ideal pré-concebido, fruto de uma razão altamente sofisticada e lógica; o caminho se faz caminhando, a vida se faz vivendo, a essência se faz existindo.

A imaginação hídrica, conforme discutida por Bachelard, é essencial para a compreensão do narcisismo estruturante. A água, com sua profundidade e movimento constante, representa a fluidez e a transformação contínua do eu. Ao refletir e refratar a imagem do sonhador, a água convida à introspecção e ao autoconhecimento. Esse processo de autorreflexão é fundamental para a construção de uma identidade saudável e resiliente.

É a partir dessa imersão na imaginação, especialmente na imaginação hídrica, que o indivíduo pode reconciliar as diversas partes de si mesmo. Bachelard sugere que a confiança na própria beleza, e por extensão na própria essência, leva ao pascalismo – um amor universal pela beleza em todas as suas formas. Esse amor, alimentado pela imaginação poética das águas, não apenas fortalece o sentido de si, mas também enriquece a conexão com o mundo ao redor.

Em suma, o narcisismo estruturante da psique, apoiado pela imaginação hídrica, oferece um caminho para a autoaceitação e o amor universal. Por meio da contemplação estética e da confiança nas fantasias, o indivíduo encontra uma maneira de transcender as limitações impostas pela lógica e pela razão utilitária. A essência do ser é continuamente moldada pela interação dinâmica com o mundo, um processo que é profundamente enriquecido pela capacidade de sonhar e imaginar.

O metafísico é a nossa capacidade de transcender o que é dado. O mundo percebido é já uma construção humana e não um desvendar total que pode ser apresentado a todos enquanto um igual. Trata-se de um mundo imaginário, simbólico, que sonha, vive, respira, cria, recria, forma, deforma e transforma. O Patinho Feio nos demonstra essa propriedade da fantasia, de despertar o sentido em si mesmo, pelas matérias do mundo, não para uma

subserviência a algo dado, mas porque o mundo, o nosso mundo, sonha que o dotemos de um sentido, de um feliz sentido. Como afirma Nietzsche (2012, p. 82):

Dizei-me: como alcançou o ouro o mais alto valor? É porque é raro e inútil, de brilho cintilante e brando: dá-se sempre.

Só como símbolo da mais alta virtude do ouro alcançou o mais alto valor. É como o ouro, reluzente, o olhar daquele que dá. O brilho do ouro firma a paz entre a lua e o sol.

A mais alta virtude é rara e inútil: é resplandecente e de um brilho brando, uma virtude dadivosa é a mais alta virtude.

[...] Em verdade, é preciso que tal amor dadivoso se faça saqueador de todos os valores; mas eu chamo são e sagrado esse egoísmo.

Dizemos, com isso, que o narcisismo, de natureza hídrica e sentimental, pode ser uma das primeiras estruturas arquetípicas a ser preenchidas. Invertemos o que tornou o mito pejorativo. Talvez por acreditarmos que isso seja fruto de uma necessidade econômica perversa, que manipula o narcisismo, a fim de colocar o outro a serviço de um fundamento a priori. É próprio dos totalitarismos a negação da alteridade. É de um narcisismo não estruturado, não preenchido pelas experiências simbólicas vividas, que surgem os egocentrismos, os “egoísmos doentes” (Nietzsche, 2012, p. 82) e tantos outros “centrismos”, e não o contrário.

Não podemos negar nosso narcisismo para chegarmos ao *surplus* da ética. Pelo contrário, é a partir de um sujeito forte, seguro de si, de seus amores, de suas paixões, de seus sentidos e, principalmente, de seus *sonhos*, que podemos nos abrir à ética do diálogo. O eu-narcísico, do egoísmo dadivoso, lembrando Nietzsche (2012), pode bem viver quando possui uma boa alimentação onírica, e assim pode ir às instâncias da escuta, da *alteridade*, da *hospitalidade*, entre outros valores tão urgentes em nosso mundo. É nessa base sólida que se constrói uma ética genuína, capaz de sustentar relações humanas verdadeiramente significativas.

O egoísmo saudável, como descrito por Nietzsche, não é uma patologia, mas uma forma de autoafirmação que permite ao indivíduo viver plenamente e se relacionar de maneira autêntica com o mundo. A alimentação onírica, ou seja, a capacidade de sonhar e de se nutrir de imagens simbólicas, é essencial para esse processo. É

a partir dos sonhos e da imaginação que o sujeito se fortalece e se prepara para o encontro com o outro. A fantasia, portanto, não é uma fuga da realidade, mas uma maneira de enriquecer a experiência humana e de preparar o terreno para a prática da hospitalidade e da empatia.

Nesse sentido, um narcisismo estruturado e saudável não apenas fortalece o indivíduo, mas também enriquece o tecido social. É a partir do amor-próprio e da valorização das próprias experiências e sonhos que o sujeito pode se abrir verdadeiramente para o outro. Um narcisismo bem alimentado, longe de ser uma perversão, é a base para uma vida psíquica rica e para relações éticas e profundas. Como defendido por Nietzsche e Bachelard, é na confluência entre a imaginação, os sonhos e a realidade que encontramos o caminho para uma existência plena e significativa.

Considerações finais

O presente estudo buscou uma aproximação simbólica entre o mito de Narciso, conforme explorado por Bachelard, e o conto “O Patinho Feio”, destacando a importância da imaginação material na formação do amor-próprio. Como resposta imediata ao problema de pesquisa, concordamos com Nietzsche sobre a necessidade de um egoísmo sadio e sagrado, contrapondo-o a um egoísmo doente, que surge pela falta de preenchimento simbólico do arquétipo do *eu-narciso*.

As águas, como Bachelard demonstrou, atuam como uma matéria dinamizadora do psiquismo, preenchendo a estrutura narcísica do amor-próprio. A formação psíquica do ser humano passa por uma imaginação *hidrofilica*, na qual verdadeiros sonhos se formam, fortalecendo a naturalização da imagem de si mesmo. Essa naturalização é essencial para que o sujeito possa desenvolver uma autoestima saudável e uma capacidade de amar tanto a si quanto ao mundo.

Além disso, a imaginação material das águas oferece-nos uma perspectiva dinâmica e móvel do psiquismo, refletindo a fluidez e a transformação contínua da vida. As águas, com sua ancestralidade e profundidade, convidam o sujeito a um mergulho em seu próprio ser, proporcionando um reencontro com suas origens e um renascimento simbólico. Portanto, a imaginação material e

dinâmica das águas é crucial para a formação de um narcisismo estruturante e saudável, que permite ao sujeito não apenas amar a si mesmo, mas também conectar-se profundamente com o mundo ao seu redor, com a alteridade do outro ser.

O estudo propôs uma reflexão sobre a importância das imagens aquáticas na constituição do eu, sugerindo que futuros estudos possam explorar ainda mais as implicações dessa imaginação material na formação humana e na reformulação do conceito de *Bildung*. Pudemos realizar uma breve incursão pelo conto do Patinho Feio na sua dimensão simbólica do narcisismo. Nos atentamos, contudo, em ressaltar a materialidade da imaginação que desperta no sujeito de nossa história o seu amor por si mesmo.

Com isso, concordamos com Nietzsche quanto às suas considerações acerca da necessidade de um egoísmo sadio e sagrado, em oposição a um egoísmo doente. Este último, contudo, não seria uma consequência inevitável do que podemos chamar de complexo de Narciso, mas, pelo contrário, tem a tendência a se desenvolver pela justa falta de um preenchimento simbólico (de experiências) do arquétipo do *eu-narciso*.

Além disso, ao explorar a interação entre a imaginação e a natureza, Bachelard revela que a profundidade e a dinâmica das águas servem como metáforas poderosas para a transformação pessoal. Essa perspectiva convida-nos a considerar como a imaginação material não apenas reflete a realidade, mas também a molda ativamente. A água, com sua capacidade de transformação e renovação, simboliza o processo contínuo de autoconhecimento e crescimento pessoal.

Por fim, é importante destacar que este estudo abre portas para novas investigações sobre a influência da imaginação material na psicologia e na formação do sujeito. A partir da lente de Bachelard, vemos como as imagens aquáticas podem servir como um meio profundo de introspecção e cura, oferecendo uma visão enriquecedora para a compreensão da condição humana. Futuros trabalhos poderiam expandir essa análise para outras narrativas e mitologias, explorando como diferentes elementos naturais influenciam o desenvolvimento psíquico e cultural.

Concluímos que a imaginação material das águas, conforme discutida por Bachelard, é essencial para a formação de um narcisismo estruturante e saudável. Esse processo, enraizado na contemplação estética e na confiança nas fantasias, permite ao indivíduo transcender as limitações da lógica e da razão utilitária, encontrando um caminho para uma existência plena e significativa. Por meio da metáfora das águas, descobrimos uma fonte inesgotável de inspiração e transformação, fundamental para o desenvolvimento psíquico e a construção de uma ética genuína e profunda.

Referências

ARAÚJO, Alberto Filipe. Quando o imaginário se diz educacional. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 679-705, set./dez. 2010.

ARAÚJO, A, Filipe; TEIXEIRA, M. C. Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **L'eau et les rêves**: essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BULCÃO, Marly. Bachelard: a noção de imaginação. **Revista Reflexão**, Campinas, n. 83/84, p. 11-14, jan./dez. 2003.

CANTON, Katia. **Minimagnário de Andersen**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EDINGER, Edward. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREUD, Sigmund. **Introducción al narcisismo**. Santiago: ARCIS, 1914.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: livro para toda gente e para ninguém. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REGO, Nelson. Geração de ambiências: três conceitos articuladores. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2010.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2020.